A evolução da arte das ruas

A evolução da arte das ruas

Como a arte urbana vem conquistando cada vez mais espaço e aceitação, transformando paisagens e dando novo significado às cidades

Diana Leiko

"BELO É TUDO QUANTO AGRADA DESPRETENSIOSAMENTE". A frase do pensador francês Emannuel Kant define bem o que pode ser a arte urbana. Pode ser, porque ela é plural, pulsante, democrática e, por estar acompanhando o movimento da cidade, está em constante mutação. Assume diferentes formas. Não se define.

Este é, sem dúvida, um vasto universo. Inclui o grafite cada vez mais frequente nos muros e fachadas de prédios em nossas cidades até formas alternativas de propaganda e apresentações de rua que chamam nossa atenção nas calçadas ou que duram apenas o breve intervalo em que o sinal de trânsito está vermelho.

Apesar de representar bem a contemporaneidade, a arte urbana tem suas raízes na idade pré-histórica, quando se desenhava em muros como forma

e necessidade de se comunicar. A pintura rupestre é um exemplo disso. Foi uma maneira de deixar impressões registradas para as futuras gerações e, por que não, existir.

Ainda na seara das artes visuais, a pintura mural também marcou presença na Idade Média, mas estava restrita à igreja. Já no século XX, logo após a Revolução Mexicana de 1910, surgiram os muralistas mexicanos que se propunham a pintar para o povo. Rivera, Orozco e Siqueiros, os três grandes pintores da revolução, possibilitaram, por meio da pintura mural - uma arte pública e coletiva - romper com o individualismo da pintura de cavalete. Foram primórdios de um aspecto político que marcaria com força a arte urbana nas décadas seguintes.

MA RCELO DISIA

A consolidação de espaços para uma arte marginal

Foi na década de 60, quando a juventude se manifestou contra o autoritarismo político em Paris e ocupou as ruas - as famosas barricadas - que esse tipo de arte ressurgiu para assumir um novo significado. "Foi uma tentativa de utilizar a cidade como um suporte político. A partir disso, os norte-americanos e o movimento de hip hop e a ascensão da cidade nos anos 70 vão confluir para gerar todo um significado extremamente novo e moderno da cidade. Ao mesmo tempo que tem o caráter subversivo, tem o caráter dinâmico da vida da cidade, que se movimenta o tempo inteiro", observa Cláudio Bull, historiador da arte e professor de Estética e Cultura.

Bull explica ainda que o movimento de contracultura que surge nos anos 60 em termos de arte urbana vai amadurecendo nos anos 70 e prepara o terreno para, nos anos 80, ser consolidado por dois artistas importantes: Keith Haring e Basquiat. "Eles inserem a arte de rua no contexto das galerias. Antes ela não era respeitada e estava restrita às ruas", destaca o professor.

Se de um lado a arte urbana ampliava sua presença em espaços aos quais nem tinha acesso, de outro lentamente passava a conquistar respaldo também no seu "habitat" original: a rua. É o que observa o historiador e estudioso da História da Arte Pedro Eduardo Batista. "A arte urbana questiona essa questão do museu como único ou principal espaço de arte. E começam a surgir os museus a céu aberto". O grafite, talvez a arte mais palpável de se reconhecer como arte urbana, transforma a perspectiva que as pessoas têm do local de consumo da arte, que, no senso comum, é apenas consumida nas galerias.

Segundo Pedro Eduardo, o reconhecimento do valor desses trabalhos é cada vez maior. "Um exemplo claro para mim é o trabalho do Eduardo Kobra, que tem produzido vários murais não só no Brasil como no exterior. Ele é um artista que já pintou vários prédios em São Paulo e foi chamado para pintar vários murais fora do país, nos EUA, na Europa. Tem recebido muitos convites para desenvolver trabalhos no Brasil com cada vez mais frequência. Ele acabou de pintar um painel, em Brasília, num prédio no Setor de Autarquias Sul e me lembra muito o Jackson Pollock, com suas obras em dimensões monumentais", diz.

LUIZ ROBERTO

A banda Da Silva adora arte urbana e, principalmente, OSGEMEOS. Tanto que criaram personagens que carinhosamente apelidaram de os "Da Silva". Resolveram fazer cabeças e homenagear as jovens artes visuais brasileiras, já que elas inspiram bastante o grupo. Os integrantes buscam fazer uma interrelação com a fotografia, o texto poético, a música e a arte urbana com a banda. Estes são elementos geradores da proposta do seu som, que revela a cadência das ruas, o pormenor cotidiano.

OSGEMEOS

De lá pra cá
Técnica mista sobre madeira 190 x 220
2013

EDOARDO OSE ECA

O Brasil como referência mundial

Uma das provas de que arte urbana já está bem consolidada e tem o Brasil como um dos países de referência no assunto é a dupla OSGEMEOS. Otávio e Gustavo Pandolfo, gêmeos idênticos e artistas plásticos, nasceram em São Paulo, no bairro do Cambuci. Foi na chegada da cultura hip hop no Brasil, nos anos 80, que encontraram um modo de se comunicar com o público por meio de sua arte.

A trajetória artística de OSGEMEOS abarca uma multiplicidade de técnicas e suportes que convivem simultânea ou alternadamente: do desenho para o grafite e os murais, da pintura para as imagens cinéticas, esculturas e instalações. Sua obra tem uma natureza fantástica, um caleidoscópio onde imagens de origens diversas, com elementos surreais, se sobrepõem e se rebatem em uma paleta multicolorida.

Reconhecidos e admirados nacional e internacionalmente, realizaram inúmeras mostras individuais e coletivas em museus e galerias de diversos países, como Cuba, Chile, Estados Unidos, Itália, Espanha, Inglaterra, Alemanha, Lituânia e Japão.

Nesse contexto, São Paulo, berço da cultura urbana do país, pode ser considerada um legítimo museu a céu aberto de cores, formas e expressões artísticas das ruas. Tanto que a SPTuris – Empresa de Turismo e Eventos da cidade – desenvolveu um roteiro de arte urbana.

"Desde 2005, a SPTuris vem trabalhando para consolidar São Paulo como um destino de lazer e entretenimento, reforçando, principalmente, seu caráter cultural, se posicionando como uma cidade criativa por seus grandes talentos e grandes iniciativas que surgem todos os dias em diversos setores profissionais, com destaque às artes", comenta a diretora de Turismo e Entretenimento da São Paulo Turismo, Luciane Leite.

Como em qualquer outra metrópole, de acordo com ela, havia e ainda há muitos artistas de rua engrandecendo a experiência dos moradores e visitantes na cidade. Entretanto, ainda era uma categoria desconhecida e por isso, pouco valorizada. "Em 2011, a São Paulo Turismo se aproximou do universo da arte urbana e apoiou o projeto Artistas na Rua, auxiliando o mapeamento das manifestações artísticas em espaços públicos (música, circo, teatro, dança, estátua viva, grafite e pichação, projeções, literatura de cordel, le parkour, performance e saraus) e na criação e desenvolvimento de um banco de dados para compartilhamento dessas informações. A ideia com isso era trazer o conceito da arte urbana para o turismo, e mostrar o quanto ela engrandece a experiência do turista que visita nossa cidade", explica Luciane.

Nesse mesmo período, a SPTuris tinha como uma de suas metas elaborar nove novos roteiros temáticos para a cidade e abordar a questão do grafite foi uma decisão quase que automática, reforçada pela análise do interesse dos turistas e aquilo que é perguntado nas Centrais de Informação Turísticas, administradas pela SPTuris. "Os pontos de grafite eram muito questionados na época, e ainda são hoje, mas não havia nenhuma publicação que reunisse esse tipo de atrativo para indicação ao turista", revela.

A finalidade é atender aos anseios dos turistas que se interessam pelo tema, trazer a arte urbana para o conceito de arte, de economia criativa, de apropriação do espaço público, e despertar o interesse do público, turistas e a população, para esse tipo de arte.

OSGEMEOS

OSGEMEOS em produção no atelier

DIVULGAÇÃO

Arte suburbana

Bem antes do atual estágio de reconhecimento da arte urbana, surgia o JAMAC - Jardim Miriam Arte Clube, uma associação sem fins lucrativos formada por artistas e moradores do bairro Jardim Miriam, zona sul de São Paulo (Subprefeitura da Cidade Ademar). É liderado pela pintora, desenhista e gravadora Mônica Nador, que vem desde o final da década de 90 se dedicando à produção de grandes pinturas murais, em comunidades carentes, onde passou a residir.

Ela desenvolve pinturas em fachadas de residências, em trabalho conjunto com seus moradores, partindo de motivos decorativos. A artista obtém grande motivação da população, transformando a realidade do lugar e explorando o potencial transformador da arte, como no projeto Paredes Pinturas, realizado em São José dos Campos (SP).

"Quando decidi trabalhar nesse meio, ainda não existia esse nome de arte pública. Não considero que eu encaixo muito nesse meio, as pessoas me colocaram nessa categoria, partindo do ponto de vista da arte voltada para a população, com intervenção da comunidade. Me encaixo melhor na arte suburbana", opina a artista.

Nador conta que a arte é um meio transformador. "Acho que ela serve para criar espaços de convivência entre as pessoas e proporcionar essa troca de ideias. Minha vida é aqui, essa convivência na comunidade. São várias as histórias de superação através do trabalho desenvolvido aqui, posso citar o caso de uma moça que estava de cama, começou a participar das atividades que desenvolvemos e teve a vida transformada".

Quando perguntada sobre como ela entende a tensão visual urbana entre o centro das cidades e as regiões periféricas, Mônica responde: "São completamente diferentes. A regiões periféricas são muito diferentes dos grandes centros, levando em conta a estrutura, a realidade dos moradores, as dificuldades diárias, a questão da criminalidade. É sempre bacana fazer essa análise, observar esse contraste".

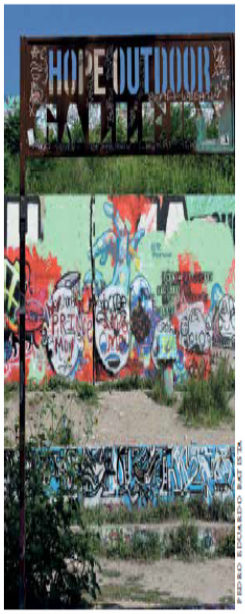
Em 2014, ela completou 10 anos de JAMAC. "A gente continua nesse trabalho, que não é muito simples e raramente temos ajuda de algum tipo de financiamento. Vamos continuar tocando os projetos, e agora pretendemos implantar uma estamparia", revela.

Paris underground

A França também é um dos locais onde a arte urbana floresceu há um bom tempo. Muito antes de Banksy, nos anos 80, Black Le Rat fazia estêncil nas ruas da capital francesa. As catacumbas são a maior prova de que, embora clássica, Paris é uma das cidades mais undergrounds do planeta e está entre as cinco capitais de arte urbana no mundo. A cena por lá é forte e sofisticada. É o que afirma a publicitária brasileira Fernanda Hinke, que vive há três anos na Cidade-Luz.

Hinke também é idealizadora dos tours de bike e arte urbana no site Conexão Paris. Entre as atrações que incluem o passeio está visitar o bairro de Belleville, longe do mainstream turístico, incluindo o Parque de Belleville com um vista incrível para Paris. O turista pode ainda apreciar por volta de 30 obras que estão nas ruas de artistas e técnicas diferentes e descobrir as histórias sobre eles. A cereja do bolo pode ser considerada a visita ao atelier de um dos artistas e a uma ruazinha considerada a "meca" do grafite em Paris, incluindo o café que era o favorito da cantora francesa Edith Piaf.

O percurso dura duas horas (saída metro Parmentier, linha 3) e tem o custo de 39,90 euros/pessoa (mínimo de três pessoas) ou 100 euros para passeio individual ou até 2 pessoas.



PEDRO EDUARDO MATISTA

Pedro Eduardo destaca Austin, no Texas (EUA), cidade que abriga um parque de arte urbana, o Baylor Street Art Wall. Vários artistas de grafite produzem arte ali e o local se tornou um museu a céu aberto.

CASA COR BRASÍLIA (2014).